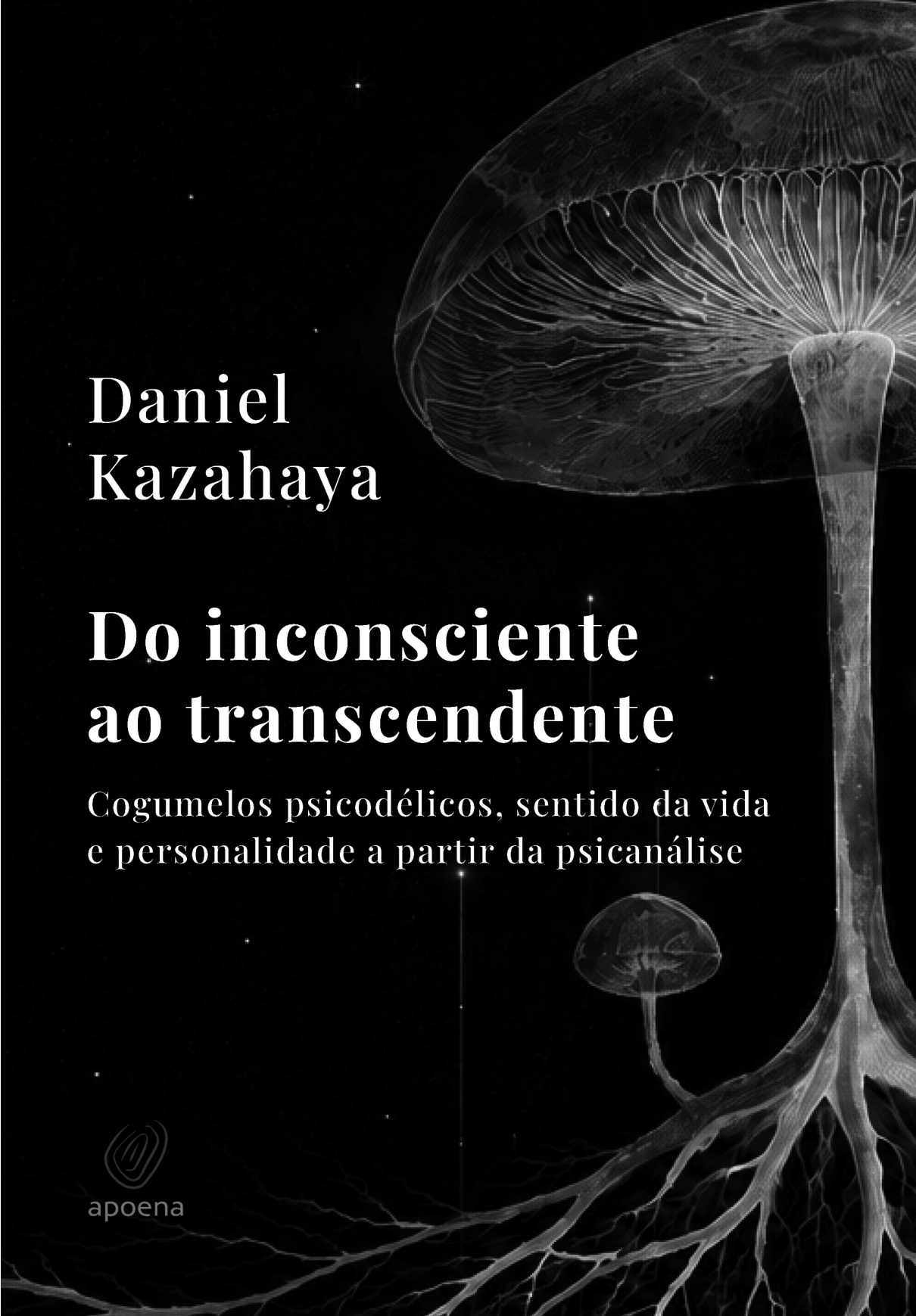

Daniel Kazahaya

Do inconsciente ao transcendente

Cogumelos psicodélicos, sentido da vida e personalidade a partir da psicanálise

apoena

Sumário

Agradecimentos 11

Prefácio 17
Gilberto Safra

Apresentação 21

Parte I
OS COGUMELOS PSICODÉLICOS 21

Parte II
A PSICANÁLISE PLURAL COMO REFERENCIAL TEÓRICO 81

Parte III
TEMAS E SUBTEMAS DAS EXPERIÊNCIAS
COM OS COGUMELOS 105

Parte IV
DISCUSSÃO SOBRE ESTUDOS QUALITATIVOS
COM COGUMELOS E COM PSILOCIBINA 267

Parte V
LIMITAÇÕES DO ESTUDO 281

Considerações finais 285

Posfácio 289
Luís Fernando Tófoli

Referências 293

À Marluce.

O mundo além das palavras

Dentro deste mundo há outro mundo
impermeável às palavras.
Nele, nem a vida teme a morte,
nem a primavera dá lugar ao outono.

Histórias e lendas surgem dos tetos e paredes,
até mesmo as rochas e árvores exalam poesia.
Aqui, a coruja transforma-se em pavão,
o lobo, em belo pastor.

Para mudar a paisagem,
basta mudar o sentimento;
E se quer passear por esses lugares,
basta expressar o desejo.

Fixa o olhar no deserto de espinhos.
– Já é agora um jardim florido!
Vê aquele bloco de pedra no chão?
– Já se move e dele brota a mina de rubis!

Lava suas mãos e seu rosto
nas águas deste lugar,
que aqui te preparam um generoso banquete.
Aqui, todo o ser dá luz a um anjo;
e quando me veem subindo aos céus
os cadáveres retornam à vida.

Decerto você já viu as árvores crescendo da terra,
mas quem há de ter visto o nascimento do Paraíso?

Viu também as águas dos mares e dos rios,
mas quem há de ter visto nascer
de uma única gota d'água
uma centena de guerreiros?

Quem haveria de imaginar essa morada,
esse céu, esse jardim do paraíso?

Você que lê este poema, traduza-o.
Diz a todos o que aprendeu
sobre este lugar.

Jalal ud-Din Rumi

Agradecimentos

Ao longo da escrita deste livro, procurei me manter orientado por duas daquelas que considero as grandes causas fundamentais, que antecedem e permeiam a todas as coisas e que também constituem minha busca pessoal, o amor e a amizade. Nem sempre esses se apresentam com a profundidade que desejaríamos, mas permanecem como horizonte constante de busca. Nesse sentido, este trabalho é fruto desses dois gestos, expressos em suas mais variadas formas, graus, nomes e intensidades.

Agradeço primeiramente aos povos Mazateca e a Maria Sabina, que mantiveram preservados os saberes e práticas sobre o *Teonanácatl* (cogumelo maravilhoso, sagrado) apesar de toda perseguição e genocídio que sofreram durante séculos, com a chegada de colonizadores.

Meus profundos agradecimentos aos participantes da pesquisa que voluntariamente e corajosamente aceitaram participar da pesquisa em nome da causa dos fungos e plantas de poder contribuindo com a ciência e a psicanálise.

Aos pacientes que me presenteiam com a confiança, esperança e aprendizado conjunto, obrigado.

Ao ser silencioso e misterioso, que nos fala pela linguagem do mundo além das palavras e traz as mais sublimes (e desafiadoras) vivências que um humano pode saborear. Ao sagrado cogumelo e todo o Reino Funghi, obrigado.

Ao querido orientador dessa pesquisa, Prof. Dr. Luís Fernando F. Tófoli, que me acolheu e ofereceu a liberdade de trilhar meu mistério e desejo, um forte abraço de gratidão.

Aos professores Gilberto Safra, Mario Eduardo Costa-Pereira, Egberto Turato, que se dedicaram à leitura, à análise do texto da qualificação da tese de doutorado da qual derivou este livro e trouxeram contribuições fundamentais para a arquitetura desse trabalho, muito obrigado.

Aos professores Daniele Sacardo, Emilia Sanabria, Mario Costa Pereira e Walter Moure, que compuseram a banca de defesa da tese e recomendaram a publicação do trabalho em formato de livro, pela dedicação e contribuição com este trabalho, obrigado.

Aos colegas do *Interdisciplinary Cooperation for Ayahuasca Research and Outreach* - ICARO, do Aya leituras, do Encounters-ICARO, obrigado.

Ao Paulo Cury Dias pela leitura e comentários sobre o subitem da espiritualidade, obrigado.

Ao Rodolfo Olivieri pelo incentivo e apoio na publicação desse livro.

Aos colegas do *Psychedelics Treatment and Psychotherapy* da *University Medical Center Groningen* - UMCG (Holanda), em especial Robert Schoevers e Joost Breeksema, Dank je wel.

A professora Emilia Sanabria pelo acolhimento no *Centre de recherche médecine, sciences, santé, santé mentale, Société* - CERME3 / CNRS / Université Paris Cité, pelas discussões sobre tópicos relativos a esse trabalho e possíveis desdobramentos futuros.

Àqueles que me ofereceram morada, sustentando, com paciência e sabedoria, um espaço no qual foi possível atravessar e elaborar processos de transformação pessoal, Maria Rita Kehl, Renato Mezan e Gilberto Safra, meus profundos agradecimentos.

A todos aqueles que contribuíram de infinitas e incomensuráveis maneiras para que este projeto fosse possível, minha família, meus pais, irmãos, meus amigos, Aya, Mel, plantas, peixes e demais colaboradores que não caberia citar, dada a fonte interminável de suas participações, sintam-se representados em meu/seu coração.

Prefácio

Gilberto Safra

Há obras que nascem para responder perguntas já formuladas, organizando o conhecido, refinando conceitos, consolidando campos. Outras, mais raras, emergem quando o próprio campo do saber se mostra insuficiente, quando algo na experiência humana persiste em exceder as linguagens disponíveis. Este livro pertence a essa segunda linhagem.

Ao propor uma investigação sobre os efeitos psíquicos dos cogumelos psicodélicos no sentido da vida e na personalidade, Daniel Kazahaya adentra um território em expansão nas ciências contemporâneas e o faz a partir de uma posição singular, aquela que recusa tanto o reducionismo biomédico quanto o fechamento dogmático das tradições teóricas. Percebemos nesse livro que, para além da problemática dos psicodélicos no campo da saúde, emerge uma interrogação mais ampla sobre o próprio estatuto do humano.

Desde as primeiras páginas, o leitor é conduzido por um percurso que entrelaça história, clínica, cultura e filosofia. A figura de Maria Sabina, evocada com sensibilidade e rigor, aparece como personagem histórica e como símbolo de uma fratura ainda não resolvida referente à assimetria entre saberes tradicionais e ciência ocidental. Ao trazer à tona essa genealogia, o autor já indica que este não será um estudo neutro, mas tampouco arbitrário. O estudo é, nesse sentido, um esforço de escuta ampliada, que inclui vozes frequentemente silenciadas nos circuitos acadêmicos.

O eixo teórico encontra na psicanálise plural, mas especialmente na obra de Donald Winnicott, um ponto de apoio fundamental. Contudo, longe de se limitar a uma aplicação de conceitos, o texto tensiona a própria psicanálise, e a convoca a dialogar com fenômenos que desafiam suas categorias clássicas. Nesse sentido, o livro se insere em um debate vivo da psicanálise contemporânea.

Nas últimas décadas, diferentes vertentes psicanalíticas têm questionado o modelo de sujeito centrado, unitário e estritamente intrapsíquico. As contribuições das teorias das relações objetais, da psicanálise relacional e das abordagens contemporâneas do Self já vinham apontando para um psiquismo constituído no entre - no campo relacional, na experiência compartilhada, na dependência

e na alteridade. Ao mesmo tempo, autores contemporâneos têm se debruçado sobre aquilo que escapa ao sensorial estrito: experiências de vazio, de indizível, de excesso ou de abertura ao absoluto.

É nesse ponto que, ao me aproximar desta obra, reconheço um diálogo particularmente fecundo com o percurso que venho construindo na psicanálise. Há um convite a sustentar e a ampliar o campo da psicanálise para além do registro representacional, abrindo espaço para aquilo que compreendo como um registro ontológico da experiência, no qual o humano se constitui também em relação a dimensões não sensoriais, não plenamente simbolizáveis, mas decisivas para o seu existir.

Ao lado de Winnicott, esse movimento me permitiu um deslocamento importante ao deixar de compreender a pessoa apenas enquanto estrutura e passar a entender o humano enquanto acontecimento. A ideia de "Acontecer Humano", que atravessa esta obra, encontra aqui um terreno teórico fértil. Para além da problemática da compreensão de conteúdos psíquicos, importa acolher os modos de existência que emergem na experiência, muitas vezes, antes de qualquer possibilidade de representação.

Nesse contexto, a interlocução com Winnicott ganha uma densidade ainda maior. Ao longo de sua obra, Winnicott desloca o foco da psicanálise da interpretação do conteúdo para a sustentação da experiência. Seu conceito de espaço potencial - esse território intermediário, do "entre" - oferece uma chave para pensar os fenômenos aqui descritos. Pois é um espaço onde a pessoa pode brincar, criar, simbolizar e existir de modo não defensivo, sustentado por um ambiente suficientemente bom.

As experiências psicodélicas relatadas neste livro parecem, em muitos casos, tensionar e expandir esse espaço. Há nelas uma intensificação do brincar, uma ampliação da imaginação e, ao mesmo tempo, uma exposição radical à ausência de garantias. Em certos momentos, a pessoa parece mergulhar em estados que lembram regressões a níveis muito primitivos de existência - estados de não-integração, de dependência absoluta, de dissolução das fronteiras do eu. Em outros, emerge uma vitalidade renovada, uma sensação de autenticidade e de reconexão com o gesto espontâneo.

É justamente nesse ponto que poderia situar minha contribuição, pois a compreensão da dimensão ontológica da experiência nos permite considerar que certos fenômenos vividos sob efeito dos psicodélicos não se esgotam na lógica do intrapsíquico. Experiências de interconectividade, de pertencimento ao todo, de abertura ao absoluto - frequentemente descritas como inefáveis - podem ser

compreendidas como eventos do ser, e não apenas como produções simbólicas ou alucinatórias.

Essa perspectiva não elimina a necessidade de rigor clínico; ao contrário, a radicaliza. Pois se tais experiências tocam o núcleo do existir, então o trabalho clínico não pode se limitar à interpretação, devendo incluir a capacidade de testemunhar, sustentar e dar lugar ao que emerge. Estamos diante de uma clínica que se aproxima mais de uma hospitalidade do que de uma decifração.

Winnicott já nos havia alertado para isso ao afirmar que antes de interpretar é preciso sustentar. Ao me aproximar dessa formulação, fui reconhecendo que há experiências que pedem não apenas sustentação, mas também um reconhecimento de sua dimensão ontológica. O encontro dessas duas perspectivas - a do espaço potencial e a do acontecimento ontológico - constitui um dos eixos mais potentes para a leitura deste livro.

A distinção winnicottiana entre Verdadeiro Self e Falso Self também ganha novos contornos nesse diálogo. Muitos relatos apresentados apontam para uma sensação de "reencontro consigo mesmo" após a experiência psicodélica. À luz de Winnicott, poderíamos pensar em uma aproximação ao gesto espontâneo; à luz da perspectiva do acontecimento ontológico, poderíamos acrescentar que tal reencontro não se dá apenas no plano psicológico, mas envolve uma reconexão com o próprio fundamento do existir.

No entanto, é importante estarmos atentos aos riscos. A ausência de um ambiente suficientemente bom pode transformar experiências potencialmente integradoras em vivências de desorganização. Do mesmo modo, a abertura ao ontológico, quando não sustentada, pode se tornar avassaladora. O livro mantém essa ambivalência viva, recusando tanto a idealização quanto a redução patologizante.

As experiências relatadas - dissolução do eu, sensação de unidade com o mundo, intensificação da presença, vivências de caráter místico ou inefável - colocam a psicanálise diante de novos desafios: como escutar, pensar e acolher fenômenos que parecem ultrapassar os limites tradicionais da teoria do inconsciente?

A obra sustenta essa pergunta sem precipitá-la em respostas. Talvez a questão não seja a de decidir o que é "real" ou "irreal", mas de perguntar: Isso pôde acontecer? Pôde ser vivido? Encontrou lugar no existir do sujeito? Houve quem pudesse sustentar essa experiência?

A metodologia qualitativa adotada, centrada em entrevistas terapêuticas, reforça essa aposta. Além de coletar dados, o autor constrói um espaço de elaboração compartilhada, onde os relatos não são reduzidos a categorias prévias, mas considerados em sua espessura vivencial. O leitor encontrará aqui narrativas

que testemunham transformações subjetivas profundas, por vezes luminosas, por vezes inquietantes.

O texto não é, contudo, um texto ingênuo ou apologético. Os riscos associados ao uso de psicodélicos são reconhecidos, assim como as limitações do próprio estudo. Ainda assim, o livro não se furta a uma tarefa mais ambiciosa de pensar as implicações éticas, clínicas e civilizatórias desses fenômenos em um momento no qual o mundo é atravessado por crises múltiplas, ambientais, psíquicas e sociais.

Talvez o maior mérito desta obra resida justamente na coragem de habitar um "entre-lugar". Entre ciência e experiência, entre tradição e inovação, entre análise e abertura ao desconhecido. Em tempos de especialização extrema e fragmentação do saber, este livro aposta na travessia, e convida o leitor a fazê-la junto.

Ao fazê-lo, inscreve-se no horizonte de uma psicanálise que, sem abdicar de seu rigor, permite transformar-se pelo encontro com novos fenômenos. Uma psicanálise que, à maneira de Winnicott, sabe sustentar; e, à maneira do acontecimento ontológico, sabe reconhecer que, por vezes, algo escapa à nossa atual compreensão de psiquismo e toca o próprio mistério do existir.

Ao final, para além de uma abertura do campo da psicanálise e dos psicodélicos, esse trabalho faz retornar a pergunta sobre o que significa ser humano, de maneira renovada, inquieta, ainda sem resposta definitiva, mas, talvez, mais viva do que nunca.

Apresentação

Esta pesquisa apresenta a trajetória de pessoas que utilizam cogumelos psicodélicos de forma espontânea, livre e autônoma, com o objetivo de crescimento e desenvolvimento pessoal. Aos participantes, foi oferecido um espaço de elaboração assistida, de inspiração psicanalítica, onde puderam refletir e trabalhar questões relacionadas ao uso do cogumelo, como uma possibilidade de elaborar essas experiências de maneira mais significativa. O estudo investigou, especialmente, as influências dessas experiências sobre o sentido da vida e a personalidade, utilizando psicanálise e análise temática.

Este estudo também é fruto da minha prática como psicanalista e de minha análise pessoal, na qual a experiência com o cogumelo se articulou à psicanálise. Esse processo permitiu levar questões vividas na minha experiência com o cogumelo para diferentes divãs, ao longo dos anos, experimentando e testando como diferentes psicanalistas, de distintas abordagens, podem trabalhar e auxiliar a elaborar esses conteúdos. Da mesma forma, questões emergentes na análise pessoal também eram levadas para serem trabalhadas com o cogumelo, criando um campo mútuo de investigação e transformação.

Além da intermediação da psicanálise, este trabalho também nasce de minha relação pessoal com o cogumelo que, ao longo do tempo, revelou-se não apenas como objeto de estudo, mas como um companheiro, amigo, professor e guia. Assim como a psicanálise, o cogumelo é um objeto de estudo vivencial, cuja essência só pode ser compreendida pela experiência direta. Ele caminha lado a lado com o inefável, aquilo que ultrapassa as palavras e exige ser provado, sentido, vivido. Portanto, este trabalho não se limita a um exercício intelectual, mas se configura como uma experiência de transformação, na qual pesquisa e vivência se entrelaçam, delineando um percurso de conhecimento que é, ao mesmo tempo, analítico e existencial.

Para iniciar a apresentação deste estudo, gostaria de recordar que a psicanálise é, em sua essência, fruto direto dos estados alterados de consciência. Ela é "filha" de uma prática de estado alterado, a hipnose, e sua origem está enraizada nessa prática que, embora tenha sido abandonada posteriormente, foi essencial como instrumento epistêmico, terapêutico e investigativo. Foi somente por meio

dessa prática que Freud pôde acessar regiões psíquicas esquecidas em sua época. Embora o cogumelo e a hipnose tenham diferenças significativas, a possibilidade de conhecer territórios inexplorados pela psicanálise se mantém e esse dado histórico reitera a relevância de metodologias contemporâneas, como o uso adulto de cogumelos psicodélicos, que despontam como ferramentas terapêuticas e epistemológicas.

Os estados alterados proporcionados pelo cogumelo têm forte ligação com os interesses da psicanálise, trazendo uma grande possibilidade de revelação do inconsciente e, de maneira mais ampla, uma revelação de processos ônticos e ontológicos. Esses fungos podem promover vivências que encontram ressonância nos princípios fundamentais da psicanálise e propiciam diálogos profícuos entre o inconsciente e os estados alterados, abrindo caminhos para novas compreensões sobre os processos psíquicos e existenciais. Obviamente, os cogumelos também podem apresentar aspectos desafiadores, causar experiências difíceis, traumas e sofrimento para algumas pessoas. Não se pretende, com esse livro motivar, tampouco incentivar o uso do cogumelo psicodélico, mas sim contribuir para uma compreensão mais ampla, crítica e responsável dessas experiências.

O diálogo entre psicanálise e psicodélicos retoma suas origens no campo dos estados alterados de consciência e abre novas perspectivas para a transformação e expansão do campo psicanalítico. Além de promover experiências tipicamente associadas à psicanálise, como os estados hiperassociativos e *insights*, essas substâncias revelam outras vivências que dialogam diretamente com o mal-estar contemporâneo, a exemplo da profunda sensação de interconexão e comunidade. Essa vivência de interconexão desafia o individualismo exacerbado de nossa época, podendo oferecer à pessoa uma experiência de pertencimento e unidade que transcenderia os limites do eu, apontando para um novo horizonte terapêutico.

O cogumelo carrega muitos mistérios que desafiam nossa visão de mundo atual. Uma questão que considero particularmente desconcertante é: como um cogumelo, um simples fungo, pode exercer tamanha influência sobre o psiquismo humano? Como é possível que um ser tão – aparentemente – modesto tenha o poder de provocar experiências tão profundas que, muitas vezes, transformam radicalmente a percepção e a trajetória de vida de quem os consome?

Há, aqui, um diálogo importante com o mal-estar contemporâneo, pois os relatos de transformação atribuídos aos cogumelos psicodélicos me levam a refletir sobre a maneira como enxergamos as demais formas de vida no planeta. A superioridade que frequentemente se atribui à espécie humana é posta em xeque diante da capacidade de um ser tão – aparentemente – insignificante. Fomos ensinados a olhar para as outras espécies de forma utilitária, subestimando sua

complexidade e sua conexão intrínseca com os processos naturais que sustentam a vida. Os cogumelos me mostram que a natureza detém um saber que transcende nossa compreensão usual e que a relação com essas espécies pode nos proporcionar não apenas cura, mas também reconexão com aspectos mais profundos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Ao investigar o poder transformador dos cogumelos, surge-me a intuição de que algo muito equivocado nos foi transmitido sobre as demais espécies. Essa intuição me convida a repensar nossa relação com o mundo natural, abandonando uma visão de superioridade e adotando uma postura de humildade e reverência. Aos poucos, torna-se evidente que os cogumelos representam uma abertura para algo muito maior. Ao espiarmos por essa passagem, somos conduzidos a um chamado mais amplo para revermos nossa compreensão sobre nós mesmos, sobre a humanidade e sobre nossa relação com diferentes formas de vida e existência. Surge então a percepção de que a sabedoria do planeta está distribuída de forma complexa e interconectada, e de que há lições valiosas a serem aprendidas com os outros seres que habitam a Terra.

Parte I

OS COGUMELOS PSICODÉLICOS

Quando penso que somos irmãos das estrelas,
filhos do sol, penso na ligação íntima que liga
os homens, embora a maioria de nós,
não tenha consciência disso. Imagino-me
desintegrado em moléculas simples voltando
como mineral e "vivendo" como
partícipe do incomensurável.

Henrique de Aragão
Artista plástico ibiporaense

Os cogumelos psicodélicos, ou psilocibinos, que contêm os psicoativos psilocina e psilocibina, foram utilizados por séculos por algumas etnias nativas centro-americanas para fins de cura, de autoconhecimento e ritualísticos (Nichols, 2020). Tais fungos, principalmente os pertencentes ao gênero *Psilocybe*, são capazes de gerar efeitos psicológicos potencialmente terapêuticos, como associações de ideias, rememorações, novas percepções corporais e sensoriais, catarses, além de efeitos transpessoais como experiências místicas e de interconectividade, que podem estar relacionados a ressignificações no sentido da vida e na personalidade (Griffiths *et al.,* 2008; Crowe *et al.*, 2023; Zamberlan *et al.*, 2018; Johnson *et al.*, 2017). Estudos clínicos sugerem que a psilocibina, quando combinada com psicoterapia ou suporte psicoterapêutico, apresenta resultados no tratamento para diversos transtornos mentais, mas requer investigações específicas, como ensaios duplo-cegos (Lowe *et al.*, 2021; Goel *et al.*, 2022; van Amsterdam *et al.*, 2022).

É importante esclarecer que a enorme maioria dos estudos atuais, sejam qualitativos ou quantitativos, foi realizada com a psilocibina isolada, principal composto psicoativo dos cogumelos psicodélicos (Nichols, 2020; Metzner, 2005). Pesquisas que utilizaram o cogumelo i*n natura* são raras e serão devidamente destacadas ao longo do texto.

Apesar da importância do estudo com psilocibina isolada, especialistas têm apontado a necessidade de se estudar também o cogumelo *in natura* (Kryskow, *et al.*, 2024), especialmente em ambientes naturalísticos, tal como tem ocorrido espontaneamente na sociedade, incluindo a sociedade brasileira. Estes cogumelos nascem espontaneamente em todas as regiões do Brasil (Faria, 2017), além de ser possível encontrá-los em centenas de sites e locais virtuais de compra do cogumelo desidratado ou kits de cultivo.

No contexto brasileiro, os dados indicam que aproximadamente 1% da população adulta brasileira já utilizou cogumelos psicodélicos (Leite, Tófoli, 2024). Isso representaria cerca de 1,4 milhão de pessoas (Agência IBGE Notícias, 2023). Há uma demanda significativa pelo estudo do uso de tais cogumelos para que a ciência possa contribuir para esclarecer seus riscos e potenciais para as pessoas que buscam o seu uso para desenvolvimento pessoal. É provável que a divulgação científica dos resultados de ensaios clínicos com psilocibina tenha impulsionado e aumentado o número de usuários e pessoas que buscam esses fungos para

tratamento de transtornos, autoconhecimento ou lazer (Yaden, Potash, Griffiths, 2022). No Brasil, a lei é ambígua quanto à legalidade da substância, proibindo a psilocibina e a psilocina puras, mas não os fungos *in natura*, o que permite ao usuário o consumo em uma zona cinzenta (Portaria n. 344/MS, 1998), em um mercado em expansão (Braun, 2023).

1. A história do uso dos cogumelos psicodélicos

O uso dos cogumelos psilocibinos é parte de uma tradição ancestral de povos originários das Américas e esteve guardada em segredo ao longo dos anos por determinadas comunidades indígenas, especialmente entre os mazatecas da região de Oaxaca, no atual território do México (Metzner, 2005; Schultes, Hofmann, 1992).

Com a chegada dos colonizadores espanhóis no século XV, houve um genocídio dos povos originários, junto com a perseguição religiosa que se realizou em torno do uso de cogumelos psicodélicos com a destruição de templos, proibição de línguas e práticas religiosas (Metzner, 2005). No entanto, a tradição permaneceu protegida entre os locais, sendo ocultada de outros povos (Romero, s/d; Estrada, 2022). Foi, portanto, um conhecimento cuidadosamente preservado em segredo, provavelmente transmitido oralmente por linhagens de curandeiros e curandeiras que mantiveram viva a relação com o cogumelo psilocibino, o *teonanácatl*, que pode ser traduzido como "Carne de Deus" ou "Cogumelo Sagrado" a partir da língua originária dos povos antigos, o náuatle (Metzner, 2005; Romero, s/d). Esse resguardo protegeu as práticas sagradas diante das ameaças externas e garantiu a continuidade da tradição (Romero, s/d).

É nesse contexto que emerge a história de María Sabina Magdalena García, curandeira da tradição mazateca que viveu em Huautla de Jimenez, na província de Oaxaca, México (Estrada, 2022), pois foi por meio de Sabina o uso ritualístico dos cogumelos tornou-se visível para o mundo exterior.

O assunto merece cautela, pois a narrativa histórica ocidental sobre o saber e o uso adulto dos cogumelos psicodélicos, muitas vezes, se mistura à história dessa anciã - não sem tensões - já que, ao mesmo tempo em que tornou esse saber visível para o mundo exterior, também acabou por se desdobrar numa exposição de sua comunidade a processos de apropriação, ruptura e reinterpretação externa. Podemos imaginar, entretanto, que naquela época, esses desdobramentos não eram antecipáveis.

Na atualidade, essa situação é uma problemática importante para se ponderar a complexidade da interculturalidade e o resgate das narrativas alinhadas à

perspectiva dos povos originários como um movimento de reconhecimento e valorização da sabedoria ancestral que eles representam, além das injustiças e atrocidades que foram historicamente cometidas e ainda hoje repetidas (Schultes & Hofmann, 1992; Romero, s/d; García, s/d).

María Sabina teve seu primeiro contato com o *teonanácatl* aos 6 ou 7 anos, em 1900 (Romero, *s/d*). Ficara doente e a família a levou para um ancião que utilizava os cogumelos para diagnosticar e tratar os enfermos. Durante esta cerimônia, chamada "*velada*", Sabina testemunhou este ancião ingerindo o cogumelo, entoando cantos e orações, junto às montanhas, fontes e plantas (Estrada, 2022).

Alguns dias após esta cerimônia, María Sabina reconheceu os mesmos cogumelos aos pés de uma árvore e os ingeriu junto à sua irmã. Ela relatou que, sob efeito dos cogumelos, encontrou crianças com as quais brincou e as reconheceu como espíritos dos cogumelos. Posteriormente, ela passou a denominar os cogumelos de "*los niños*", ou "*niños santos*". Ao longo dos anos María Sabina passou a sentir um chamado para se tornar curandeira e se desenvolveu nesse caminho sendo respeitada pelo povo local (Estrada, 2022).

Em meados de 1950, já na meia-idade, María Sabina apresentou "*los niños*" ao mundo ocidental. A versão que nos chega dessa história é um encontro roteirizado e romantizado na revista *Life*. Nele, um banqueiro americano, Gordon Wasson, teria sido espontaneamente recebido por María Sabina, que lhe apresentou o rito e uso dos cogumelos. Este episódio foi posteriormente considerado um importante encontro na história da pesquisa do uso de plantas e fungos psicodélicos, assim como um marco da chamada Revolução Psicodélica dos anos 50-70 (Romero, s/d).

Nessa versão, Wasson leva o cogumelo ao mundo ocidental, fica com a fama, o reconhecimento e o dinheiro; e para María Sabina, o que ficou?

Uma outra versão (Estrada, 2022) dessa história nos diz que María Sabina se negou a ensinar a *velada* a Wasson, a princípio. Wasson já teria visitado anteriormente o município onde ela morava, Huautla de Jimenez, sem sucesso. Mas o banqueiro americano, que foi vice-presidente de um dos maiores fundos de investimento, o J.P. Morgan, com recursos financeiros e influência, requereu ao administrador municipal de Huautla o encontro com María Sabina (Estrada, 2022). Conforme nos relata o pesquisador da cultura mazateca, Dr. Osiris Romero, numa entrevista com Alberto Ongaro, em 1971, Wasson admitiu que a sábia mazateca tinha sido convidada a realizar a cerimônia pelo administrador municipal, Don Cayetano (correspondente ao "prefeito", no Brasil). Posteriormente, Sabina disse que sentiu que, naquela época, não lhe restara uma alternativa. Ela ponderou em outro momento que "devia ter dito que não" (Romero, s/d).

Romero nos mostra uma evidente assimetria de poder entre o banqueiro e a mulher indígena. Embora todo o conhecimento sobre os cogumelos, sua cultura, seu potencial e seu legado tenham sido apresentados pelas mãos de María Sabina, ela não recebeu o devido reconhecimento em vida. O homem branco americano, por outro lado, viveu um prestígio quase hollywoodiano entre os estudiosos e entusiastas dos cogumelos, sendo anunciado como o "descobridor" do cogumelo sagrado, além de lucrar diretamente ao vender uma reportagem para revista Life (Romero, s/d; García, s/d).

A história vai ganhando contornos mais dramáticos e revoltantes pois María Sabina enfrentou posteriormente discriminação, estigma e violência em sua comunidade acusada de ter revelado os segredos de seu povo a um forasteiro, tendo sua casa incendiada[1] (Romero, s/d).

Uma terceira versão (Bartlett, 2020) dessa história deveria incluir em primeiro plano Valentina Pavlovna Wasson, esposa de Gordon, doutora em micologia – ciência que estuda fungos e cogumelos - com profundo conhecimento na área. Além de micologista ela era também médica e pediatra. Valentina, desde criança, aprendeu com a família a caçar cogumelos comestíveis na floresta como parte da tradição alimentar de seu povo e, seu marido, por outro lado, parecia ter, a princípio, uma certa recusa pessoal e cultural pelo interesse com os cogumelos e a utilizá-los na alimentação. Especulando sobre esse tipo de divergência, iniciaram a construção de uma teoria sobre uma divisão histórica profunda entre povos "micófilos" e povos "micófobos", que os fizeram hipotetizar que por trás dessa atitude deveria haver um tabu antigo enraizado contra o uso religioso espiritual do cogumelo.

É digno de nota que o casal pesquisou ligações entre psicanálise, Freud e cogumelos numa série de troca de correspondências (HOLLIS, 2019) com pesquisadores e psicanalistas de Nova Iorque, o casal Walter e Marion Stewart, além de Helen Wolf, entre outros. Especulavam se havia qualquer passagem que relacionasse o cogumelo e seu uso pelos povos antigos e se havia algum estudo sobre o formato fálico do cogumelo. Há cartas para o linguista Roman Jakobson que cita uma passagem de Ernest Jones comentando sobre o programa preferido de Freud que, curiosamente, era caçar cogumelos na floresta com seus filhos. Jones relata que Freud adorava adivinhar onde os cogumelos poderiam ter brotado e desafiava os filhos a encontrá-los numa brincadeira pelos bosques (1989).

---

1 O filho de Maria Sabina foi assassinado por um homem embriagado, embora na fonte consultada não fique claro se este fato esteja ligado à postura de Sabina ou não.

A história do uso ritual dos cogumelos psilocibinos parece preceder, em muito, o episódio entre María Sabina e Gordon Wasson. Um artefato muito intrigante, por exemplo, é a "Efígie de pedra da divindade Maia do Cogumelo", datada do ano 300 a.C., tendo 33,5cm de altura. Ela foi encontrada em El Salvador e atualmente está no museu Rietberg, em Zurique. A figura, provavelmente feminina, comunga elementos humanos e do Reino Fungi. Coberta com uma auréola estrelada com nove pontas, irradiaria benevolência (Metzner, 2005).

Em 1953 o arqueólogo Stephan F. de Borhegyi iniciou uma série de descobertas com estatuetas em formatos que mesclavam cogumelos, animais e humanoides no sítio arqueológico de Kaminaljuyu, na Guatemala (Metzner, 2005). As impressionantes pedras cogumelos de Borhegyi datam de 1000-500 a.C. Essas obras parecem se relacionar a práticas antigas em que os cogumelos eram reverenciados como "carne dos deuses" e utilizados nos rituais sagrados.

Encontram-se na "*História General de Las Cosas de Nueva España*" (Sahagún, 1946), relatos do uso do *teonanácalt*. Frade Bernardino de Sarahún nos conta nesse documento que o cogumelo era utilizado pelos povos da Mesoamérica para diversos fins como tratamento, adivinhação, espiritualidade, vislumbres do futuro e passado e mesmo para questões políticas. O próprio Rei Montezuma II utilizava os cogumelos e fazia grandes rituais na ocasião de seu aniversário, convidando amigos e inimigos para a "*fiesta de las revelaciones*", quando consumiam os cogumelos por quatro dias seguidos, realizando cultos e ritos (Sahagún, 1946). Muitas decisões políticas eram tomadas de acordo com os ensinamentos surgidos do efeito do cogumelo, revelando o lugar central do cogumelo na vida desses povos. Como sabemos, estes povos foram proibidos de cultuar seus deuses, e seus templos dos cogumelos foram queimados e destruídos. A violência foi tamanha, que foram proibidos de falar sua própria língua. Quem praticava ritos com cogumelos foi severamente perseguido. Por fim, os espanhóis quase conseguiram aniquilar a cultura dos cogumelos. Como já dissemos anteriormente ela ficou oculta por 450 anos, até ser novamente trazida à cena por María Sabina (Metzner, 2005).

2. Sentido da vida e personalidade

Apresentarei agora as noções de sentido da vida e personalidade que serão utilizadas na investigação principal do estudo.

O sentido da vida e a personalidade são aqui entendidos a partir da teoria sobre o verdadeiro *Self* e a criatividade de Donald Winnicott (1975). A escolha desses dois termos pode apresentar uma vantagem fenomenológica, por estarem mais próximos ao fenômeno estudado e da maneira como algumas pessoas o expressam